

## Crônicas do Inferno - II

### O Guesa em Wall Street

Carlos Torres-Marchal

#### Resumo

São analisadas as primeiras cinco estrofes do fragmento conhecido como *Inferno de Wall Street*, contido no Canto X de *O Guesa*, poema épico de Joaquim de Souza Andrade (Sousândrade). As estrofes em foco são as ambientadas na Bolsa de Valores de Nova Iorque, e que justificariam o nome pelo qual o fragmento é conhecido. A análise baseia-se em pesquisa das fontes históricas e na inserção do material estudado no contexto do corpus sousandrado. A análise inclui as cinco estrofes que tratam da Bolsa de Valores, num total de 176. As outras 171 estrofes tratam de outros temas, concluindo-se, portanto que o nome *Inferno de Wall Street* não fornece uma descrição adequada do fragmento. Reconhecendo o tom geral de crítica social, que, além dos excessos da Bolsa, inclui a corrupção e hipocrisia em política, na religião e nos costumes, além de apresentar um marcante conteúdo autobiográfico, propõe-se o nome *Inferno de Sousândrade*, por descrever melhor e aproximar-se mais ao espírito do fragmento.

#### Abstract

An analysis is presented of the first five stanzas of the so-called *Wall Street Inferno*, a fragment of the Tenth Canto of *O Guesa*, the epic poem by Joaquim de Souza Andrade, or Sousândrade, as he came to be called. The present analysis is based on historical research and on the Sousandradean corpus. These five stanzas, out of a total of 176, are the only ones having a direct relationship with the New York Stock Exchange, after which the whole fragment has been named. The remaining 171 stanzas deal with diverse topics: the *Wall Street Inferno* is, therefore, a misleading title for the whole fragment. Criticism is directed at corruption and hypocrisy in finance, politics, religion, and social mores but a strong autobiographical content is also revealed. *Sousândrade's Inferno* is proposed as an alternate and more descriptive name for the whole fragment.

O presente trabalho continua a nossa análise<sup>1</sup> do chamado *Inferno de Wall Street*, fragmento do Canto X de *O Guesa*,<sup>2</sup> obra máxima do poeta maranhense Joaquim de Souza Andrade (1832-1902) ou Sousândrade, como ficou conhecido. Tentamos demonstrar, na publicação referenciada, que apesar do nome dado ao trecho, a Bolsa de Valores de Nova Iorque e as transações financeiras não são o assunto dominante. No presente trabalho são analisadas as estrofes do *Inferno* de Sousândrade que guardam relação direta com a Bolsa de Valores de Nova Iorque. Isto envolve só as cinco primeiras estrofes, de um total de 109 na edição nova-iorquina (1877)<sup>3</sup> e 176, na edição londrina (c. 1886). Note-se ainda que a Bolsa de Valores de Nova Iorque sequer fica em Wall Street, apesar de o distrito financeiro de Nova Iorque ser conhecido por este nome. As figuras abaixo mostram as mudanças no prédio da Bolsa de Valores, localizado na rua Broad, nos anos anteriores à inauguração do prédio atual em 1903:



Prédio da Bolsa de Valores de Nova Iorque em Broad Street

1866<sup>4</sup>



1882<sup>5</sup>



1893<sup>6</sup>

A pesquisa em que se baseia o presente trabalho privilegia fontes históricas e publicações periódicas do último quartel do século XIX. Além de fornecer informações sobre o contexto histórico, citam-se referências no corpus sousandradino



que guardam relação com as estrofes analisadas. Ressalta-se, em particular, o encadeamento e reiteração de assuntos em estrofes próximas.

### Estrofe 1

A análise da primeira estrofe foi objeto de estudo nosso,<sup>7</sup> resumido abaixo como contexto das estrofes posteriores. Na estrofe imediatamente anterior ao início do *Inferno*, o guesa, personificação do poeta e do índio americano, bebe à sombra da muralha em Wall Street, proteção contra os índios no século XVII. A muralha cai, como o fez a de Jericó no relato bíblico, transportando o guesa à Nova Iorque de 1877. O prédio da Bolsa de Valores (New York Stock Exchange) fica logo em frente, no número 12 da rua Broad. O guesa/inca ingressa ao prédio na primeira estrofe do *Inferno de Wall Street*:<sup>8</sup>

O Guesa, tendo atravessado as Antilhas, crê-se livre dos Xèques e penetra em  
New-York-Stock-Exchange ; a voz dos desertos :

Orpheu, Dante, Æneas, ao inferno  
Desceram ; o Inca ha de subir . . .  
*Ogni sp'ranza laciare,*  
*Se entrate . . .*  
Swedenborg, ha mundo porvir ?

Uma primeira leitura sugere a semelhança da Bolsa de Valores ao inferno de Dante, provavelmente inspirada pelo livro *Homens e Mistérios de Wall Street* (1870) de James Medbery.<sup>9</sup> Este autor, falando do ruído e aparente desordem na Bolsa de Valores de Nova Iorque escreve: “Se Dante contemplasse esta loucura acrescentaria mais um livro ao *Inferno*.”<sup>10</sup> O *Inferno de Wall Street*, nome inventado para o texto de Sousândrade, leva a acreditar que o assunto principal é uma crítica ao sistema capitalista e a sua degradação moral. Não há dúvida que Sousândrade é um crítico social, condenando a cupidez e a usura, a especulação desmedida no mercado financeiro, mas também a corrupção na política, nos costumes e até na religião. Porém, ao tempo que critica os excessos da sociedade nova-iorquina, Sousândrade afirma sua fé nos princípios básicos da república norte-americana:



**Oh ! como é triste da moral primeira,  
Da Republica ao seio a corrupção! <sup>11</sup>**

Uma segunda leitura desta estrofe indica uma maior preocupação literária e escatológica do que econômica, reforçada pela pergunta angustiada feita ao místico Swedenborg sobre o “mundo porvir”. Observe-se que as outras personagens mencionadas estão ligadas ao poeta latino Virgílio (quem descreveu as viagens de Orfeu e Enéas ao infra-mundo e atuou como guia do Dante no *Inferno*). A localização da ação na Bolsa de Valores parece circunstancial, talvez influenciada pela leitura do livro de Medbery, já citado, e pela proximidade da *rua da Muralha* (Wall Street), símbolo da exclusão do índio.

Uma terceira leitura, propositalmente crítica, relaciona a estrofe a Emil Schwerdtfeger, amigo de Sousândrade, jovem e genial filólogo e poeta, que cometeu suicídio em 1877. Além de ser um notável latinista (o que explica as referências a Virgílio), foi tradutor de Dante, mesmo mantendo que este deveria ser lido no original, explicando assim a citação sousandradina em italiano. O dia da morte do jovem poeta (4 de março de 1877), o tema do sermão na igreja swedenborgiana de Nova Iorque foi *The Future World* (o mundo porvir<sup>12</sup>).

Estrofe 2

Xêques surgindo risonhos e disfarçados em Railroad-managers, Stockjobbers, Pimp-brokers, etc., etc., apregoando :

Harlem ! Erie ! Central ! Pennsylvania !  
Milhão ! cem milhões !! mil milhões !!!  
Young é Grant ! Jackson,  
Atkinson!  
Vanderbilts, Jay Goulds, anões !

A didascália (ou *título*, como prefere Sousândrade) da estrofe remete aos xêques, sacerdotes muíscas, nêmeses e algozes rituais do guesa, que acredita ter se



livrado deles, após a sua fuga aos Estados Unidos atravessando as Antilhas, como vimos na primeira estrofe. Reaparecem agora disfarçados como administradores de ferrovias (Railroad-managers), corretores da bolsa (Stockjobbers)<sup>13</sup>, proxenetas-corretores (Pimpbrokers). A associação entre os corretores e os xeques, deixa clara a pouca estima de Sousândrade por aqueles. Em outras passagens do corpus sousandradino, xeques são pessoas que, de alguma forma, o prejudicaram. Em *O Guesa*, por exemplo, Sousândrade reserva o termo para seus tutores que não souberam administrar a herança deixada pelos pais do poeta, como sugerem os trechos abaixo:

**Voltara essa criança abandonada  
Dos destinos, que então errante a sós  
Os Xeques piedosos encontraram,  
Que foi o último Guesa á lenda atroz: <sup>14</sup>**

**Por vezes, lhe formavam mundo á parte,  
Onde se comprazia a sós de estar  
com todos, vendo tudo, e de tal arte  
Aos Xeques, que não soube perdoar. — <sup>15</sup>**

A estrofe do *Inferno* ora analisada trata das ações de ferrovias negociadas na Bolsa de Valores, certamente o rubro de negócios mais movimentado na década de 1870 nos Estados Unidos. Na década após a Guerra Civil norte-americana (1861-1865) a construção de estradas de ferro atingiu o auge nos Estados Unidos, propiciada pela expansão do país rumo ao Pacífico. Entre 1865 e 1873, 56.000 quilômetros de linhas férreas foram construídos, número maior que o total existente em 1860.<sup>16</sup> Em 1869 a primeira ferrovia transcontinental foi concluída. Este crescimento impulsionou também as indústrias de insumos para as ferrovias, tais como carvão, aço, construção de locomotivas, etc. Para os empreendedores que se destacaram no após-guerra (entre eles Jay Gould, de quem falaremos depois), as estradas de ferro apresentaram oportunidades de ganhos antes impensáveis, apesar de que muitas destas empresas nunca renderam dividendos e acabaram quebrando. Na década de 1870 os limites deste crescimento foram atingidos e a economia mundial entrou numa recessão sem

precedentes. Em 1876 a metade das ferrovias norte-americanas tinha pedido concordata.<sup>17</sup>

As estradas de ferro representavam em 1877 um investimento de cinco bilhões de dólares, a metade dos quais (2,26 bilhões) era de dívidas constituídas por títulos de crédito, maior que o total da dívida interna norte-americana nesse mesmo ano, que era de 2,1 bilhões. A ferrovia Pensilvânia, mencionada na presente estrofe, era a maior empresa no país, controlando 10.600 quilômetros de via férrea e empregando aproximadamente 200.000 pessoas.<sup>18</sup>

Compreensivelmente, as ações das ferrovias eram as que atraíam a maior atenção nas sessões da Bolsa de Valores. Escreve Medbery: “ao aproximar-se a chamada das ações das ferrovias, o salão adquire uma nova vida... Subitamente a Mesa grita: ‘New York Central’. Ao ouvir estas palavras um estremecimento invade o espaço... A Mesa desaparece momentaneamente sob uma maré de braços que gesticulam.”<sup>19</sup> Começam as operações com as ferrovias. O vice-presidente enumera os nomes das empresas que operam na bolsa, até que a voz de um corretor faz uma oferta de compra ou venda, de maneira semelhante à sugerida por Sousândrade:

**– Harlem ! Erie ! Central ! Pennsylvania !  
= Milhão ! cem milhões !! mil milhões !!!**

Estes versos lembram a sessão na Bolsa no livro de Medbery, até na aparição de vozes não identificadas (como na primeira e terceira estrofes do *Inferno*) fazendo ofertas:

“Pennsylvania Coal, Central Coal, ... Canton Company,  
Western Union Telegraph – ”  
Voz. “Dou ‘5 por cem, – ‘5 por cem, – ‘5 por cem.”  
Outras Vozes. “Cem a  $\frac{5}{8}$ .” “Quinhentas a  $\frac{1}{2}$ .” “Qualquer fração  
de quinhentas a  $\frac{1}{4}$ .”<sup>20</sup>

Na edição londrina de *O Guesa* (c. 1886) os participantes de diálogos são diferenciados por travessões simples e duplos. Na primeira versão (Nova Iorque,



1877) são empregados unicamente travessões simples. O número crescente de pontos de exclamação após cada oferta insinua o aumento no volume e na veemência das ofertas.

As ferrovias *Harlem* e *Central* eram propriedade dos Vanderbilts, mencionados na mesma estrofe. A *Erie* pertencia a James Fisk e Jay Gould. No texto sousandradino, a *Erie* está cercada pelas ferrovias dos Vanderbilts, lembrando uma falida e rumorosa tentativa de compra. Em 1867 Cornelius Vanderbilt decidiu comprar a ferrovia *Erie*, mas esta começou a emitir ações ilegalmente. Estavam na diretoria da *Erie*, Daniel Drew, James Fisk e Jay Gould. Vanderbilt levou o caso perante a Justiça, mas Drew, Gould e Fisk subornaram o juiz Balcom, que deu um parecer favorável a eles. Os três fugiram para Nova Jersey e conseguiram que o congresso estadual, em 2 horas, aprovasse uma lei fazendo a Erie Railway Company uma corporação no estado. Posteriormente tentaram voltar a Nova Iorque, comprando o congresso estadual com meio milhão de dólares. Finalmente em setembro de 1868, em troca de imunidade, o trio de *Erie* concordou em pagar \$4.5 milhões de dólares a Vanderbilt. Antes do acordo, sabendo que as ações de *Erie* seriam valorizadas, Gould adquiriu ações baratas e as revendeu após o acordo, ganhando seis milhões de dólares na operação. Vanderbilt e Drew desistiram da sua batalha e deixaram a *Erie* para Gould e Fisk, que continuaram atuando com a mesma falta de escrúpulos e aliando-se à quadrilha de William Marcy Tweed, senador estadual que desfalcou os cofres de Nova Iorque nas décadas de 1860 e 70.<sup>21</sup> A quadrilha de Tweed (*Tweed Ring*) é mencionada várias vezes em *O Guesa*.

Nos versos seguintes comparam-se dois personagens, aparentemente gerentes de ferrovias (Young e Atkinson), como indicado na didascália, a dois presidentes norte-americanos (Grant e Jackson), aparentemente colocados também no leilão. As biografias de Ulysses S. Grant e Andrew Jackson apresentam várias características comuns: ambos foram heróis de guerra: Jackson, na Guerra de 1812 contra os ingleses; Grant, na Guerra Civil (1861-65) entre Norte e Sul. Os dois foram presidentes dos Estados Unidos por dois períodos consecutivos: Jackson, entre 1829 e 1837; Grant, entre 1869 e 1877. Um fato comum, mais ligado à temática sousandradina: durante

ambos os governos foram realizados massacres de tribos indígenas e a transferência de outras a reservas designadas pelo governo. A corrupção nos seus governos foi também comum aos dois presidentes: Jackson nomeou Samuel Swartwout como coletor de impostos no porto de Nova Iorque. Swartwout acabou fugindo para a Europa com mais de um milhão de dólares do dinheiro público, uma cifra astronômica na época. Os escândalos envolvendo ministros e até o secretário pessoal do presidente Grant foram numerosos e são lembrados por Sousândrade no *Inferno*:

**— Por que, Grant, à penitenciária  
Amigos vos vão um por um? <sup>22</sup>**

Young e Atkinson eram executivos da Delaware and Hudson Canal Company, empresa que iniciou suas atividades como um canal conectando as bacias dos rios Delaware e Hudson, pelo qual era transportado carvão da Pensilvânia para Nova Iorque. O canal operou durante 70 anos desde a sua inauguração em 1828. A partir de 1843 a empresa operou também linhas férreas, mesmo mantendo a palavra Canal no nome oficial. Young aparece novamente na estrofe 99 do *Inferno* (na edição londrina, c. 1886),<sup>23</sup> ligado especificamente à empresa para a qual trabalhava, e também ao cubano Codezo, mencionado duas vezes nas primeiras estrofes do *Inferno*:

—Cubano Codezo, Young Esquire,  
Um com outro a negaceiar,  
Protheus cabalísticos,  
Místicos  
Da Hudson-Canal-Delaware !

Proteu, deus marinho da mitologia grega, podia predizer o futuro para quem conseguisse capturá-lo. *Cabala* nos remete a uma sociedade secreta ou, talvez, a uma quadrilha. *Místico* relaciona-se com mistério. *Negacear* lembra ludíbrio. Fica patente a associação de Codezo e Young, envolvendo a Delaware and Hudson Canal Company, com o intuito de ludibriar algum incauto, muito provavelmente



Sousândrade. A inclusão de *Hudson-Canal-Delaware* já foi justificada como uma vaga referência a canais fluviais.<sup>24</sup>

Coe F. Young (1824-1889) foi, por muitos anos, Gerente Geral<sup>25</sup> e Vice-Presidente da Delaware and Hudson Canal Company.<sup>26</sup> Anteriormente ocupou o cargo de Superintendente do Departamento de Canais. Asher M. Atkinson o substituiu neste cargo desde 1869<sup>27</sup> até sua morte em 1879.<sup>28</sup> No *Inferno* de Sousândrade aparecem outros personagens com o mesmo sobrenome, mas não relacionados: Brigham Young, o líder mórmon e Charles Atkinson, negro linchado na Luisiana.

Entre os meses de fevereiro e abril de 1877 o jornal New York Tribune publicou nove matérias sobre a situação da Delaware and Hudson Canal Company, incluindo a ação movida por Henry Anderson,<sup>29</sup> acusando os executivos da ferrovia de administração fraudulenta e solicitando a intervenção judicial da empresa. Um boato afirmando que a empresa teria solicitado concordata derrubou as cotações de 46½ para 36 em poucos minutos.<sup>30</sup> A ação de Anderson não foi acolhida pela justiça, mas por diversos motivos, incluindo greves e baixa do preço do carvão, a empresa interrompeu a distribuição de dividendos aos acionistas em 1877<sup>31</sup> retomando-os só em 1881.

É possível que Sousândrade tenha perdido dinheiro em operações da bolsa, talvez até da Delaware and Hudson, como parece indicar na estrofe seguinte, ainda ambientada na Bolsa de Valores de Nova Iorque:

– Dois ! trez ! cinco mil ! se jogardes,  
Senhor, tereis cinco milhões!

Na estrofe 144 lemos:

(... mordomos destribuindo \$5,000 :)  
– Jogou o Guesa esta quantia ;<sup>32</sup>

**Vanderbilts, Jay Goulds, anões !**



O último verso da estrofe menciona personagens já citados em relação à compra da ferrovia *Erie*.

O epíteto de *anão*, pelo menos em referência a Jay Gould, não é mera licença poética ou julgamento moral. É descrito como “frágil e esquelético, um anão que mal media um metro e meio”,<sup>33</sup> ou ainda como “um homem pequeno e franzino, não maior que um garoto de dezesseis anos”.<sup>34</sup> O *Comodoro* Vanderbilt, por outro lado, era um homem esbelto e media 1,85 m.<sup>35</sup> No seu caso o termo *anão* não pode ser entendido literalmente.

Cornelius Vanderbilt (1794-1877), o *Comodoro*, considerado o homem mais rico dos Estados Unidos quando morreu, fez fortuna como armador e dono de ferrovias, entre as quais *Harlem* e *Central*, mencionadas por Sousândrade nesta estrofe. Em 1876 o jornal *New York Times* o considerou um dos “três grandes milionários de Nova Iorque”,<sup>36</sup> junto com Alexander T. Stewart (1803-1876) e William B. Astor (1792-1875), também citados por Sousândrade.

A fortuna de Astor tinha como base transações imobiliárias em Nova Iorque: os terrenos urbanos legados por John Jacob Astor a seu filho constituíam a base da fortuna dos Astor em 1876. Alexander T. Stewart era dono do maior armazém de Nova Iorque. Vanderbilt era dono de ferrovias. Eram três fortunas baseadas em três novas fontes de riqueza – terrenos, comércio e estradas de ferro – “um paradigma perfeito da nova plutocracia.”<sup>37</sup>

A menção de Vanderbilt nesta estrofe e de Stewart e Astor duas estrofes depois é um dos primeiros exemplos no *Inferno* de Sousândrade em que o mesmo assunto (ou assuntos correlatos) são tratados em estrofes intercaladas. Outro exemplo pode ser visto na estrofe seguinte que retoma a ação da Bolsa de Valores



### Estrofe 3

( A voz mal ouvida d'entre a trovada: )

—Fulton's *Folly*, Codezo's *Forgery* . . .

Fraude é o clamor da nação!

Não entendem odes

*Railroads* ;

Paralela Wall-Street á Chattám . . .

A voz no título (grafada com V maiúsculo na edição londrina) remete à *Voz dos desertos* da primeira estrofe. A expressão lembra a citação bíblica de Isaías: <sup>38</sup>*Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor*, considerado nos evangelhos<sup>39</sup> como referência a São João Batista, pregando o batismo de arrependimento, para remissão dos pecados. A *Voz* aparece também como personagem no *Inferno* nas estrofes 133, 139 e 142. As referências à *Voz* e ao deserto são também autobiográficas, como se deduz dos textos abaixo:

( O GUESA, rodando : )

– Eu nasci no deserto,

Sob o sol do equador : <sup>40</sup>

Aos nove annos crescendo na selva

Dos desertos á vida aldeã, <sup>41</sup>

Porque eu venho, do mundo fugitivo,

No deserto escutar a voz da terra: <sup>42</sup>

A' noite no Pacifico modula

A Voz ignota que acompanha ao Guesa, <sup>43</sup>

Os desertos referem-se, não a lugares ermos, mas à ausência da civilização e ao vazio populacional,<sup>44</sup> sentido conservado em inglês, francês e espanhol, e comum no Brasil no século XIX, (cf. *a solidão ignota do deserto amazonense* de Inglês de Souza<sup>45</sup>).

Na presente estrofe “a Voz mal ouvida d’entre a trovoada” nos remete à descrição da sessão da Bolsa de Valores, como relatada no livro de Medbery, sem deixar de ser “a Voz dos desertos” um *alter ego* de Sousândrade.

**– Fulton’s Folly, Codezo’s Forgery**  
**Fraude é o clamor da nação !**

**Fulton’s Folly** (inglês): O devaneio, a loucura de Fulton.

A expressão foi usada pelos gaiatos para burlar-se do *Clermont*, primeiro barco a vapor que se mostrou economicamente viável. Em 1807 o *Clermont* remontou o rio Hudson de Nova Iorque até Albany em 32 horas, feito que rendeu a Robert Fulton, seu inventor, o monopólio de exploração da linha durante 20 anos. Lemos em *O Novo Mundo*, “Horas antes que o vapor saísse, imensa multidão se tinha reunido ao longo do cais para presenciar o esperado e inglório fim daquilo que era geralmente conhecido como ‘a loucura de Fulton’ ”.<sup>46</sup> Fulton ficou conhecido como o pai da navegação a vapor, construiu vários barcos e transportadores e fez fortuna operando diversas linhas de navegação, apesar da concorrência crescente. Após a sua morte foi homenageado com nomes de rua em Nova Iorque, Brooklyn e outras cidades norte-americanas.

**Codezo’s Forgery** (inglês): A contrafação de Codezo

O nome Codezo aparece mais duas vezes no Inferno: como *Codezo, inventor* na estrofe 5 (duas estrofes após a presente – reiteração de referências em estrofes alternadas), na qual aparece também Atkinson; e, como *Cubano Codezo*, na estrofe de número 99 na edição londrina (c. 1886), reproduzida acima, em que Young e a Delaware and Hudson Canal Company são citados.



T. de Codezo

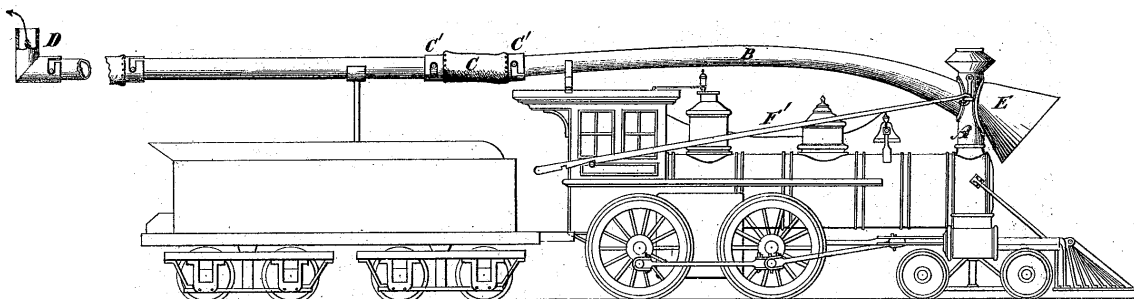
Assinatura de Thomas de Codezo

(1874)

Trata-se do pintor cubano Tomás Codezo (1839-1887), ou Thomas de Codezo, grafia que adotou após emigrar a Nova Iorque e tornar-se cidadão norte-americano em 1878. Esta identificação já tinha sido proposta anteriormente<sup>47</sup> de forma tentativa. Após estudar na Academia San Alejandro em Havana,<sup>48</sup> Codezo embarcou para a Europa, estudando com Henri Regnault (1843-1871) em Paris e Mariano Fortuny (1838-1874) em Roma, segundo a informação disponível.<sup>49</sup> Parece, porém, pouco verossímil que fosse discípulo de artistas tão jovens: em 1860, época em que Codezo estava na Europa, Regnault tinha 17 anos, e Fortuny, 22. Os dois supostos mestres de Codezo morreram no início da década de 1870, o que teria evitado possíveis desmentidos. Em 1862 Codezo estava novamente em Cuba dedicando-se à pintura de retratos, principalmente. Emigrou para os Estados Unidos, provavelmente em 1869, passando a morar em Nova Iorque. Em 1878 tinha um ateliê (*Codezo & Duncan, Portrait and Art Gallery* - Galeria de retratos e arte) em Union Square, em que fazia retratos em pastel e grafite a partir de fotografias tiradas no próprio estúdio do artista.<sup>50</sup> Na propaganda do estúdio é reproduzida parcialmente uma matéria jornalística informando que Thomas de Codezo estava concluindo um estudo em grafite da deusa Vênus, para exibição na Exposição do Centenário (realizada na Filadélfia em 1876, e mencionada várias vezes no *Inferno* de Sousândrade). Não conseguimos achar referência a este trabalho nos anais da Exposição, mas uma biografia menciona, entre as obras de Codezo, uma pintura a óleo chamada *Vênus adormecida*, pertencente a Voldo Venier, de Nova Iorque.<sup>51</sup> Voldo aparece no *Inferno* duas estrofes depois da presente.

Codezo também foi inventor: foram localizadas duas patentes suas nos Estados Unidos<sup>52, 53</sup> e uma no Canadá<sup>54</sup> referentes a um sistema, de duvidosa

aplicabilidade, para conduzir a fumaça e faíscas de locomotivas, como mostra a figura abaixo:



Patente norte-americana Nº 143.812 (21 de outubro de 1873)

“Smoke and Spark Conduit for Railroad Trains”

Inventor: Thomas de Codezo

Thomas de Codezo, mesmo sem ser o inventor, aparece em 1874 como o dono da metade dos direitos de outra patente sobre melhoramento de freios para vagões de trem.<sup>55</sup>

Em 1883, Codezo ainda patenteou uma tela para ocultar a câmera fotográfica ao tirar retratos de crianças.<sup>56</sup> Na década de 1880 foram introduzidos no mercado norte-americano quadros de crianças (mais exatamente uma espécie de litografia realizada pelo processo Artotype) assinados por Codezo, aparentemente tirados de originais fotográficos. Ver reprodução abaixo



**De Codezo, Thomas (1839-1887)**

**“Prairie Flower” (detalhe) - 1883**

**Artotype - Charles Taber & Co.**

**Coleção Particular**

### Fraude é o clamor da nação!

Na visão de Sousândrade o navio a vapor de Fulton e a contrafação de Codezo seriam fraudes que despertaram o clamor da nação.

Tecnologia, patentes e direitos de propriedade aparecem com destaque no *Inferno*, como sugerem os versos abaixo:

**(Hymnos de SANKEY chegando pelo telephono a STEINWAY HALL:) <sup>57</sup>**  
**(Photophonos-estylgraphos direitos sagrados de defeza :) <sup>58</sup>**  
**Patentes fazendo, / Por 'shadows roendo' <sup>59</sup>**  
**São mundos presentes: / Patentes, <sup>60</sup>**

A tecnologia naval, em particular, parece ter atraído a atenção de Sousândrade, que, ao longo de sua obra, cita características dos navios nos quais navegou. Causa estranheza, contudo, usar o *Clermont*, "Fulton's Folly", como exemplo de fraude, como parece insinuar este verso. Por outro lado, é preciso lembrar que os grandes inventos são geralmente creditados a uma só pessoa dentre as dúzias que perseguiram e contribuíram para o mesmo fim. No *Inferno*, por exemplo, Sousândrade refere-se a um *telephono*, não o de Alexander Graham Bell, mas o *telefone musical* de Elisha Gray e suas apresentações na sala Steinway de Nova Iorque (ver citação acima).<sup>61</sup> O desenvolvimento da navegação a vapor não foge desta regra. Em 1874 foi publicado o texto de uma palestra de título quilométrico em que se insinuava que Robert Fulton copiou as idéias de Samuel Morey, inventor de um barco a vapor viável, que operou 15 anos antes do *Clermont* de Fulton.<sup>62</sup>

Não conseguimos identificar a *contrafação* de Codezo a que Sousândrade se refere. É possível que tivesse alguma relação com as patentes de tecnologia ferroviária, considerando o assunto geral da estrofe. Considerando a ligação de Codezo com a empresa Delaware and Hudson e seu diretor Young, explicitada na estrofe 99 do *Inferno*, é também possível que Sousândrade tenha perdido dinheiro numa operação da bolsa com ações da empresa em 1877, ano de publicação de *Guesa Errante*.

Outra possibilidade é alguma relação com a pintura *Vênus Adormecida*, executada por Codezo e propriedade de Venier Voldo, mencionado na próxima

estrofe, como poderiam insinuar os trechos do Inferno (a numeração é a correspondente à edição londrina):

Estrofe 21: Pretty-girl ... 'stupefied with liquor' nos bosques e visitada por vinte e três sátiros ... Vênus-Pandemos!

Estrofe 71: (Freeloves meditando nas free-burglars belas artes:)

Estrofe 130: ... 'dosed'-girl, aux bois dormante, expirando ...

É possível que a *pretty girl* (garota bonita entorpecida pelo álcool) ou a *dosed girl* (garota bêbada, adormecida no bosque) sejam uma referência ao quadro da *Vênus Adormecida* de Codezo em poder de Venier Voldo. A citação da estrofe 71 contém as palavras inglesas *freeloves* (adeptas ao amor livre) e *free-burglars* associados às belas artes (*free-burglars* é neologismo sousandradino que pode ser traduzido como *ladrões livres*). Vênus adormecida é assunto recorrente na pintura ocidental. A presença de sátiros nesta temática não é incomum. Um modelo ainda mais próximo ao texto de Sousândrade é a “Vênus embriagada por sátiro” de Annibale Carracci. Ver reproduções abaixo:



Giorgio Barbarelli -  
Giorgione  
c. 1477 - 1510

Vênus adormecida  
Gemäldegalerie Alte  
Meister, Dresden



Nicolas Poussin  
1594 - 1665

Vênus espionada por  
sátiros  
National Gallery  
Londres



Annibale Carracci  
1560 - 1609

Vênus embriagada por  
sátiro  
Museu da Casa  
Brasileira  
São Paulo

Mesmo sem identificar com certeza a *contrafação* de Codezo, podemos afirmar que não motivou o “clamor da nação”. Fica claro que Sousândrade mistura assuntos de possível repercussão nacional com problemas pessoais.

### **Não entendem odes / Railroads;**

Sousândrade contrapõe as visões poéticas e comerciais do mundo: as ferrovias (*railroads*) não podem entender os poetas, o que reforça a idéia de Sousândrade ter sido lesado numa operação na Bolsa de Valores com ações de empresa de estradas de ferro, provavelmente a Delaware and Hudson Canal Company.

### **Paralela Wall-Street á Chatham . . .**



O detalhe acima, tirado de um mapa de Nova Iorque em 1865,<sup>63</sup> mostra claramente que Wall Street *não* era paralela a Chatham, como já foi argumentado.<sup>64</sup> A rua Chatham não mais existe: foi arrasada para dar lugar aos acessos à ponte de Brooklyn, construída entre 1870 e 1883, a primeira a unir Nova Iorque a Brooklyn. A comparação deve ser entendida no sentido figurado, já que a Chatham era considerada uma das ruas com a pior reputação de Nova Iorque, local de inferninhos, bares, prostíbulos e lojas de comerciantes inescrupulosos. Uma publicação de 1873 lamenta “a depravação e o perigo que apresenta para a moral pública”.<sup>65</sup> A rua recebeu o nome em homenagem a William Pitt, Conde de Chatham, nobre inglês que era solidário com as aspirações de independência dos colonos ingleses da América do Norte.

A grafia correta do nome da rua é, portanto, Chatham (paroxítone em inglês), não Chattám, mas, nas palavras de Luiz Costa Lima “a acentuação que lhe concede o poeta e a pronúncia que o leitor do português lhe daria não a aproximava de Satã?”<sup>66</sup>

Um último comentário que liga a primeira e última palavras da estrofe: “Fulton ... à Chatham”. A ponte de Brooklyn, a maior obra de engenharia nos Estados Unidos nas décadas de 1870 e 1880 ia desde a rua Fulton no Brooklyn até a Chatham em Manhattan.<sup>67</sup>

#### **Estrofe 4.**

(Correctores continuando :)

— Pygmeus, Brown Brothers ! Bennett ! Stewart !  
Rotschild e o ruivalho d’Astor!!  
—Gigantes escravos  
    Se os cravos  
Jorram luz, se finda-se a dor ! . .

Continuam as invectivas iniciadas na segunda estrofe contra os milionários da época, chamados então *anãos* e agora *pigmeus*. Alexander T. Stewart (1803-1876) e William B. Astor (1792-1875), junto com Cornelius Vanderbilt (1794-1877) eram considerados os três homens mais ricos de Nova Iorque, conforme vimos na segunda estrofe. Brown Brothers era um respeitado banco em Wall Street. D. Pedro II tinha uma conta bancária com eles, mencionada na imprensa durante a visita imperial a Nova Iorque em 1876.<sup>68</sup> Na versão original de 1877 o primeiro verso era:

**Pygmeus, Brown and Brothers ! Stewart !**

Na errata de mesma edição lemos:

**— Pygmeus, Brown Brothers ! Bennett! Stewart !**

Na edição londrina (c. 1886):

**— Pygmeus, Brown Brothers ! Bennett ! Steuart !**



A versão original parece ressaltar a morte do fundador da filial nova-iorquina do banco Brown Brothers, James Brown, falecido em 1877. Na estrofe 119 da edição londrina aparece uma *Lady Brown*, não relacionada com o banco Brown Brothers. Note-se ainda que todos os milionários mencionados até agora morreram num curto espaço de tempo: Astor, em 1875; Stewart, em 1876; Vanderbilt e Brown, em 1877.

Complementando a informação sobre Stewart, ele era um irlandês baixo, magro, de olhos azuis e cabelo ruivo,<sup>69</sup> reforçando os epítetos *pigmeu* e *ruivoalho*. Este último aparentemente refere-se a Astor, no texto. A cor dos cabelos de Astor não pode ser confirmada na pesquisa realizada. Um fato bizarro aconteceu após a morte de Stewart: seu corpo foi roubado em 1878 e só retornado três anos depois, quando a família pagou o resgate,<sup>70</sup> fato mencionado por Sousândrade na estrofe 127 da edição londrina:

**= De Stewart o couro**

**Pesa ouro <sup>71</sup>**

Bennett, acrescentado posteriormente, juntamente com a supressão do *and* em Brown *and* Brothers, é James Gordon Bennett Jr. filho homônimo e herdeiro do fundador e dono do jornal *New York Herald*. Bennett e seu jornal são mencionados ou aludidos pelo menos dezessete vezes no *Inferno* de Sousândrade. Uma análise detalhada do seu papel neste trecho foge ao alcance do presente trabalho. Todas as menções nominais a Bennett, excetuando a presente, incluída na *errata*, e, portanto, alteração (não correção) do texto original, só aparecem na edição londrina (c. 1886). As menções são invariavelmente críticas, o que levanta a possibilidade de o fato que indispos Sousândrade com Bennett ter acontecido em data próxima do final da primeira estadia do poeta em Nova Iorque (1871 - 1878). A inclusão do nome de Bennett pode também ter sido motivado pela inclusão da imprensa como mais uma fonte geradora de milionários em Nova Iorque, junto com imóveis (Astor), transportes (Vanderbilt), comércio (Stewart) e bancos (Brown).

Outro milionário ainda não mencionado nas estrofes anteriores é Rothschild, estirpe de banqueiros europeus, algo deslocado no presente contexto. No século XIX, Rothschild era sinônimo de grande fortuna,<sup>72</sup> aparecendo com este sentido em Dostoiévski<sup>73</sup> e Thackeray,<sup>74</sup> entre outros. Até Sousândrade, num raro poema bem-humorado,<sup>75</sup> fala de *Rothschild sem dinheiro*. A origem judia dos Rothschild pode também ter justificado a sua inclusão, já que os judeus são mencionados duas estrofes à frente.

**– Gigantes escravos / Se os cravos / Jorram luz, se finda-se a dor ! . .**

Deixando os milionários desta e da segunda estrofe, chamados de anões e pigmeus, Sousândrade compara escravos a gigantes. O tema da escravidão dos africanos é retomado duas estrofes à frente. A paronomásia *escravos / Se os cravos* parece introduzir um tema religioso: *os cravos jorram luz*, que lembra outros versos de Sousândrade:<sup>76</sup>

**Os cravos não tombam dos braços da cruz !  
– Se pungem com sangue, com fundos martyrrios,  
Sabeis que transformam-se em astros de luz !**

Um dos métodos medievais de representação da Paixão de Cristo mostrava só os pés e mãos atravessados por cravos assim como o coração, com raios de luz jorrando deles.<sup>77</sup> A iconografia católica apresenta crucifixos com raios de luz originando nos cravos para simbolizar a imposição de *stigmata* em santos como Francisco de Assis e Catarina de Siena.

O motivo da referência à escravidão não é claro, servindo talvez para sinalizar a sua abolição nos Estados Unidos, aprovada na décima terceira emenda à Constituição, ratificada em dezembro de 1865, escassos cinco anos antes da chegada de Sousândrade ao país. Pode tratar-se também de alusão à escravidão no Brasil, que só seria definitivamente abolida pela Lei Áurea, de 13 de maio de 1888.



## Estrofe 5

Norris, *Attorney* ; Codezo, inventor; Atkinson, *agent* ; Armstrong, *agent* ; Rhodes, agente; P. Offman & Voldo, agentes; algazarra, miragem ; ao meio, o Guesa :

— Dois ! trez ! cinco mil ! se jogardes,

Senhor, tereis cinco milhões!

—Ganhou ! ha ! haa ! haaa !

— Hurrah ! ah ! . .

—Sumiram. . . seriam ladrões ? . .

No *título* da edição londrina foi acrescentado *Young, Esq., manager*, entre *Codezo, inventor* e *Atkinson, agent*, reforçando a relação entre as três personagens. Como vimos, Young e Atkinson eram executivos da ferrovia Delaware and Hudson Canal Co., mencionada na estrofe 99 da edição londrina, onde também aparecem Codezo e Young. O último verso da estrofe 99 e o primeiro da estrofe 100 são:

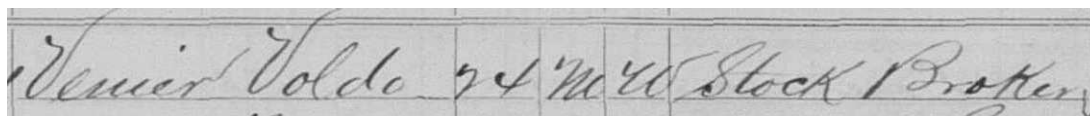
**... Hudson-Canal-Delaware!**

**- Norris, leis azuis de Connecticut!<sup>78</sup>**

levantando a possibilidade que este Norris, ligado às leis moralistas do estado de Connecticut, seja o mesmo *Norris, attorney* (advogado) do título da estrofe 5. Esta legislação, chamada em inglês *blue laws* (leis azuis), tornava crimes atos aparentemente inocentes, como beijar o filho no domingo. Na verdade, tudo não passava de uma invenção do Rev. Samuel Peters na sua *História de Connecticut* (1781), como demonstrado por Hammond Trumbull.<sup>79</sup> É possível que o advogado mencionado fosse George Norris<sup>80</sup>, da firma Norris & Lord,<sup>81</sup> citado no guia de advogados de Nova Iorque. Contudo, esta identificação é só tentativa, pois não localizamos documentos que liguem George Norris a Sousândrade, ou à Delaware and Hudson Canal Co. O mesmo comentário é aplicável a Rhodes e P. Offman. Voldo, por outro lado, como vimos duas estrofes atrás, era dono da *Vênus Adormecida*, quadro de Tomás Codezo.

Venier Voldo (ou James H. Voldo Venier)<sup>82</sup> foi uma figura multifacetada: corretor da bolsa, espiritualista, poeta, escritor, reformador social, possível escroque. Provavelmente ferido na Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865) Voldo recebia

uma pensão por invalidez do governo norte-americano. Em 1870, tinha 24 anos, morava perto de Boston e ainda usava Venier como sobrenome. No censo desse ano (ver figura abaixo) declarava ser corretor de bolsa (*stock broker*).



Nono Censo Nacional dos Estados Unidos de América (1870)

Cidade de Lexington, Condado de Middlesex, Estado de Massachusetts, p. 43

Entre 1874 e 1876 Venier Voldo aparece como palestrante espiritualista, morando no estado de Rhode Island.<sup>83</sup> Em 1876 publica em Nova Iorque um livro de poesias.<sup>84</sup> Em 1882 profere palestras em Boston com o título *Visões selvagens de uma utopia estética*. Na reportagem é descrito como “pequeno, bem-proporcionado, e exibindo um bigode preto.”<sup>85</sup> Na palestra, Voldo contestava a visão de Oscar Wilde, então em visita aos Estados Unidos, sobre a Renascença Inglesa.<sup>86</sup> Voldo haveria de lembrar dessa visita em 1885, quando já morava em Chicago. Nessa oportunidade foi convocado a depor como testemunha num confuso caso de estelionato acontecido em Boston em 1882.<sup>87</sup> A informação fragmentária contida na matéria jornalística afirma que “James Venier ou Voldo” e Evans, um dos acusados, teriam se apresentado como médicos a possíveis clientes. Voldo negou a acusação. Evans também a negou, afirmando ser somente um *colorista* de fotografias (*photograph colorer*), curiosamente o mesmo ofício de Codezo. O Dr. Brooks, médico também envolvido no caso, afirmou ter sido contratado por Voldo para tocar o órgão durante as palestras das *Visões Selvagens*. Também esteve envolvido um funcionário da seção de classificados do jornal *Herald*. Outra pessoa mencionada no julgamento é George D. Armstrong, advogado de Nova Iorque, que prestou serviços a um dos acusados. Um advogado homônimo, de Brooklyn, foi acusado de roubo em 1886<sup>88</sup> e de passar notas falsas em 1889.<sup>89</sup> É possível que se trate do Armstrong mencionado por



Sousândrade na mesma estrofe que inclui Voldo, mas a informação disponível é insuficiente para tirar conclusões.

Em 1887<sup>90</sup> Venier Voldo aparece cobrando judicialmente adesões a uma cooperativa em Chicago da qual era presidente, e atuando como propagandista de uma comuna utopista no estado de Washington, na costa do Pacífico, de cujo jornal vira diretor no mesmo ano.<sup>91</sup> No ano seguinte publica, em San Francisco, um livro de poemas, em que ataca o poeta Tennyson.<sup>92</sup> Em 1889 escreve desde Nebraska, no centro dos Estados Unidos, uma carta para o Clube Nacionalista de San Diego, pregando a estatização de todos os meios de produção.<sup>93</sup> Em 1890 publica um livro de clara orientação política: *Nossa Monarquia Republicana*.<sup>94</sup> Uns anos após, numa surpreendente mudança de interesses, publica outro livro, desta vez sobre métodos de conservação da beleza feminina.<sup>95</sup> As últimas notícias sobre Voldo, de 1905, o mostram residindo no Meio-Oeste dos Estados Unidos, solicitando um aumento da sua aposentadoria por invalidez do governo norte-americano e apresentando-se como Professor de “Ciência Mental e Verdade Divina”.<sup>96</sup>

Voltando à frase final do *título* da estrofe:

**algazarra, miragem: ao meio, o GUESA:**

é mister notar, que, a diferença das estrofes anteriores, onde são mencionadas grandes fortunas da época (Stewart, Astor, Rothschild, Brown, Bennett) a presente estrofe coloca o Guesa no meio de personagens sem relevância em nível nacional ou mundial, que atuam como nênese do autor.

A separação serve para identificar os grupos de desafetos de Sousândrade: por um lado, as grandes fortunas, não necessariamente oriundas de especulações na bolsa de valores, e que não teriam afetado o autor diretamente (com a possível exceção de Bennett e seu jornal, o *New York Herald*); por outro, operações bursáteis fraudulentas, objeto da presente estrofe.

– Dois ! trez ! cinco mil ! se jogardes,  
Senhor, tereis cinco milhões!

Estes versos lembram as palavras seguintes palavras do livro de Medbery: “Em dias movimentados, o capital inteiro de uma ferrovia especulativa pode passar de mão em mão num jogo de peteca financeira. Cem dólares transformam-se em três milhões, ou um milhão vira um décimo de centavo.”<sup>97</sup> Como já apontamos, a cifra de cinco mil dólares parece guardar um significado muito palpável para Sousândrade (... *mordomos distribuindo [sic] \$5,000 ... Jogou o Guesa esta quantia;*).<sup>98</sup>

– Ganhou ! ha ! haa ! haaa !  
– Hurrah ! ah ! . .  
– Sumiram. . . seriam ladrões ? . .

As personagens do *título* incentivam o Guesa a continuar aumentando os lances, com gritos que acompanham o seu crescimento (dois, três, cinco mil ... ha! haa! haaa!), lembrando o verso da segunda estrofe:

**= Milhão ! cem milhões !! mil milhões !!!**

Finalmente o guesa percebe que seus incentivadores sumiram e que ele foi provavelmente ludibriado (*seriam ladrões?*)

## **Conclusão**

Com esta estrofe concluem as estrofes do *Inferno* ambientadas na bolsa de valores (ou relacionadas diretamente a ela). Na continuação do trecho observa-se uma mudança súbita na temática, retomando a situação do índio norte-americano:

**(J. Miller desenrolando o manto garibaldino :)**

– Bloodthirsties ! Sioux ! ó Modocs !



A Bolsa de Valores de Nova Iorque cessa de ser assunto do poema, que envereda para a crítica de excessos em outros aspectos da sociedade norte-americana da época: religião, política, tratamento das minorias, situação da mulher, espiritismo, a presidência de Ulysses Grant, a visita de Dom Pedro II aos Estados Unidos em 1876, a Exposição do Centenário na Filadélfia, etc. Nas estrofes acrescentadas na edição londrina (c. 1886), ganham destaque também o jornal *New York Herald*, alguns episódios da história brasileira e a viagem do autor a Paris (1883 e 1884), entre outros.

Assim, só cinco estrofes tratam da Bolsa de Valores, num total de 176, na edição londrina. Conclui-se que o nome *Inferno de Wall Street* não fornece uma descrição adequada do trecho, criando uma falsa impressão sobre seu conteúdo. Sugerimos o nome *Inferno de Sousândrade* como mais adequado ao espírito do trecho analisado, já que nele o autor exorciza seus demônios pessoais ao tempo que critica as sociedades dos países em que viveu.

A presente análise mostra também que o *Inferno* constitui quase um diário pessoal em que o autor analisa a sociedade norte-americana, mas também trata de assuntos pessoais, cuja interpretação é dificultada por envolver personagens que deixaram poucos rastros e sequer tiveram seus quinze minutos de fama warholiana. Na Memorabilia da edição de 1876 de Guesa Errante, Sousândrade promete que o poema há de ser no fim acompanhado do seu mappá historico e geographico.<sup>99</sup> Esperamos que o presente trabalho contribua para cumprir a promessa do autor.

#### Notas:

---

1. Torres-Marchal, Carlos, *Crônicas do Inferno*. Eutomia, revista de língua e literatura e lingüística, Ano I, nº 1, Julho 2008. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaeutomia/new/artigdestn.php> Acesso em: 20/11/2008.
2. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886.
3. Sousândrade, Joaquim de, *Guesa Errante*, Nova Iorque, s. ed., 1877.
4. Stedman, Edmund Clarence (ed.), *The New York Stock Exchange*, Nova Iorque, Stock Exchange Historical Society, 1905, p. 157.
5. Hart, Charles. *The New York Stock Exchange Building*. 1882, litografia colorida, apud Hawley Hughson, Eno Collection, New York Public Library. Site:



- <http://www.nypl.org/research/chss/spe/art/print/exhibits/movingup/no59b.htm> Acesso em 4 dezembro 2008.
6. Stedman, Edmund Clarence (ed.), *The New York Stock Exchange*, Nova Iorque, Stock Exchange Historical Society, 1905, p. 361
  7. Torres-Marchal, Carlos, *O guesa, Emil e Swedenborg no inferno de Sousândrade*. Disponível no site : <http://www.centopeia.net/ensaios/146/carlos-torres-marchal/o-guesa-emil-e-swedenborg-no-inferno-de-sousandrade/>. 08 de outubro de 2007. Acesso em: 20/11/2008.
  8. No presente trabalho mantivemos a grafia da primeira edição do trecho, no Canto VIII de *Guesa Errante* (Nova Iorque, 1877)
  9. Medbery, James K., *Men and Mysteries of Wall Street*, Boston, Fields, Osgood & Co., 1870
  10. Medbery, James K., *Men and Mysteries of Wall Street*, Boston, Fields, Osgood & Co., 1870, p.41.
  11. Sousândrade, Joaquim de, *Guesa Errante*, Nova Iorque, s. ed., 1877. Canto VIII, p. 261.
  12. Sousândrade grafa *porvir* (e não *por vir*) nas duas edições do episódio (Nova Iorque, 1877; Londres, c. 1886), já que, em inglês *future* é utilizado como nome (o futuro, o porvir) ou adjetivo (futuro, por vir). Um jogo semelhante é evidente em "Strauss, o valsando", tradução do inglês "waltzing Strauss".
  13. Atualmente *stockjobber* insinua práticas inescrupulosas (Chambers 21st Century Dictionary, Nova Déli, Allied Publishers, 2003). Antigamente designava um corretor que vendia títulos a outros corretores, não ao público em geral. O termo é usado, principalmente na Inglaterra, desde o sec. XVIII.
  14. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. Canto V, p. 101.
  15. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. Canto IX, p. 164.
  16. Foner, Eric, *Reconstruction, America's Unfinished Revolution – 1863-1877*, Nova Iorque, Harper & Row, 1988, p. 461.
  17. Burrows, Edwin G.; Wallace, Mike. *Gotham – a History of New York City to 1898*, Oxford, Oxford University Press, 1999, p. 1022.
  18. Foner, Philip Sheldon, "The Great Labor Uprising of 1877", Nova Iorque, Monad Press, 1977, p. 13-15.
  19. Medbery, James K., "Men and Mysteries of Wall Street", Boston, Fields, Osgood & Co., 1870, p.31.
  20. Medbery, James K., "Men and Mysteries of Wall Street", Boston, Fields, Osgood & Co., 1870, p. 28.
  21. Adams, Charles F., Jr.; Adams, Henry, "Chapters of Erie and Other Essays" (1871). Reedição. Nova Iorque, Augustus Kelley, 1967, p. 222-231
  22. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 240. [Estrofe 55 do Inferno]
  23. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 247. [Estrofe 99 do Inferno]
  24. "Hudson-Canal-Delaware ... canais fluviais do Hudson e do Delaware ... Samuel J. Tilden combateu e desmantelou a Canal Ring, associação de especuladores e políticos inescrupulosos, que fraudavam a administração dos canais.", in Campos, Augusto de; Campos, Haroldo de. *Re Visão de Sousândrade* (3. ed. rev. e ampl.), São Paulo, Perspectiva, 2002. p. 408.
  25. The Delaware and Hudson Company, "A Century of Progress: History of the Delaware and Hudson Company, 1823-1923", Albany, J. B. Lyon Co., 1925, p. 231.
  26. New York Times, 23 de março, 1889, p. 2
  27. Annual Report of the Board of Managers of the Delaware and Hudson Canal Co., to the stockholders for the year 1868, Nova Iorque, Nathan Lane, Stationer and Printer, 1869
  28. *Oswego Morning Herald*, Oswego, Nova Iorque, 20 de fev., 1879.
  29. Anderson, Henry R., plaintiff. *To the Stockholders of the Delaware and Hudson Canal Company*. Nova Iorque, 1877.
  30. *Almost a Panic - Heavy fall in prominent stocks*. The New York Tribune, Thu. Apr. 12, 1877, p.2, c.1
  31. The Delaware and Hudson Company, *A Century of Progress: History of the Delaware and Hudson Company, 1823-1923*, Albany, J. B. Lyon Co., 1925, p. 264, 281.
  32. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 255. [Estrofe 144 do Inferno]
  33. *Good as Gould*, Quest magazine, Nova Iorque, agosto 2008, p 84.



34. McCabe, James Dabney, *New York by Sunlight and Gaslight*, Filadélfia, Hubbard Brothers, 1882, p. 496-498.
35. *Good as Gould*, Quest magazine, Nova Iorque, agosto 2008, p 84.
36. *Be Kind to the Living*, New York Times, Nova Iorque, 05 de maio, 1876, p. 7.
37. Weymouth, Lally and Milton Glaser, *America in 1876. The Way We Were*, Nova Iorque, Random House, 1976, p. 210.
38. Livro de Isaías 40:3.
39. Evangelho de Mateus 3:3; evangelho de Marcos: 1:2-4; evangelho de Lucas: 3:2-4; Evangelho de João 1:21-23)
40. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 31
41. Sousândrade, Joaquim de, *Meus nove annos d' aldeia* in Harpas Selvagens – Obras Poéticas. Nova Iorque, s.e., 1874, p. 170
42. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 44.
43. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 274.
44. Machado, Maria Helena Toledo, *A Sensualidade Como Caminho. Notas sobre Diários e Viagens*. Dossiê Brasil Império, Revista USP, n. 58, pp. 134-47, jun.-ago./2003, p. 144, **apud** Caldas, Yurgel Pantoja. *A Construção Épica Da Amazônia No Poema Muhuraida, De Henrique João Wilkens*, Belo Horizonte, 2007. Tese de Doutorado em Literatura Comparada, FALE/UFMG, p. 6.
45. Souza, Herculanio Marcos Inglês de. *O Missionário*. 3ªEd. São Paulo: Ática,1992. Site: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em 16/09/2007.
46. *A primeira viagem do primeiro vapor*. *O Novo Mundo*, v. 8, n. 91, Nova Iorque, julho 1878, p. 151
47. Codezo ... ao que se depreende to texto, um inventor ou contrafator, de nacionalidade cubana; possivelmente, membro da “Canal ring”. Ou, quem sabe, Tomás Codezo, pintor nascido em Havana, em 1839, autor do quadro intitulado *El padre Las Casas recibiendo los prisioneros españoles*. in Campos, Augusto de; Campos, Haroldo de. *Re Visão de Sousândrade* (3. ed. rev. e ampl.), São Paulo, Perspectiva, 2002. p. 408.
48. Rodriguez Morey, Antonio, *Diccionario Biografico Cubano* (inédito), *apud* López Núñez, Olga (do Museo Nacional, Havana), comunicação pessoal, 25 de abril de 1991.
49. Clement, Clara Erskine; Hutton, Laurence, *Artists of the Nineteenth Century and Their Works*, Boston, Houghton, Osgood and Company, 1879, p. 142-43.
50. *The Galaxy*. *A Magazine of Entertaining Reading*, v. 25, n. 1, janeiro, 1878, p. 1 [propaganda de Codezo & Duncan]
51. Clement, Clara Erskine; Hutton, Laurence, *Artists of the Nineteenth Century and Their Works*, Boston, Houghton, Osgood and Company, 1879, p. 143.
52. De Codezo, Thomas, *Improvement in Smoke and Spark Conduits for Railroad-Trains*, Patente norte-americana, n. 143.812, 21 outubro, 1873.
53. De Codezo, Thomas, *Improvement in Smoke and Spark Conveyers*, Patente norte-americana, n. 151.099, 19 maio, 1874.
54. De Codezo, Thomas, *Smoke and Spark Conveyers for Locomotives*, Patente canadense, n. 4.407, 20 fevereiro, 1875.
55. Euler, Peter [... assignor of one-half his right to Thomas de Codezo], *Improvement in Railway-Car Brakes*, patente norteamericana, n. 152.093, 16 junho 1874.
56. De Codezo, Thomas, *Combined Eye-Rest and Screen for Photographers*, Patente norte-americana, n. 270.401, 9 janeiro 1883.
57. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 234. [Estrofe 22 do *Inferno*]
58. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 234. [Estrofe 22 do *Inferno*]
59. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 254. [Estrofe 140 do *Inferno*]
60. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 248. [Estrofe 108 do *Inferno*]
61. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 234. [Estrofe 22 do *Inferno*]

62. Mowry, William A. *Who invented the American steamboat? A statement of the evidence that the first American steamboat, propelled by means of paddle wheels, was invented, constructed, and successfully operated on Connecticut River, about 1792, by Captain Samuel Morey, of Orford, N.H., and that Robert Fulton saw the boat in operation.* [Quem inventou o navio a vapor norte-americano? Relato da evidência que o primeiro navio a vapor norte-americano, movido por roda-de-pá, foi inventado, construído e operado com sucesso no rio Connecticut, em 1792, aproximadamente, pelo Capitão Samuel Morey, de Orford, Nova Hampshire, e que Robert Fulton viu este barco em operação – Palestra proferida na reunião de 22 de outubro de 1874 da Sociedade de Antigüidades de Nova Hampshire]. Contoocook, Nova Hampshire, The Antiquarian Society, 1874, 28 p.
63. Vielé, Egbert Ludovicus. *Topographical map of the City of New York : showing original water courses and made land.* Nova Iorque, Ferd. Mayer & Co., c1865.
64. Campos, Augusto de; Campos, Haroldo de. *Re Visão de Sousândrade* (3. ed. rev. e ampl.), São Paulo, Perspectiva, 2002. p. 407.
65. Lening, Gustav, *The Dark Side of New York Life and its Criminal Classes from Fifth Avenue Down to the Five Points.* Nova Iorque, Fred'k Gerhard, Ag't., 1873. p. 372-73
66. Lima Filho, Luiz F. Costa. *Um poeta inexistente: Sousândrade* ; Caderno Idéias - Jornal do Brasil; 17 junho e 14 agosto, 1999.
67. Lossing, Benson J., *History of New York City,* Nova Iorque, George E. Perine, 1884, p. 861.
68. *Wall Street and the Emperor.* in Dom Pedro in the U.S., (livro de recortes jornalísticos sobre a visita de D. Pedro II aos Estados Unidos), Oliveira Lima Library, Catholic University, Washington, DC.
69. *Stewart, Alexander Turney.* in Malone, Dumas, (Ed.), *Dictionary of American Biography,* Vol. IX - Sewell-Trowbridge, Nova Iorque, Charles Scribner's Sons, 1964. pp. 3-5.
70. Walling, George W[ashington], *Recollections of a New York Chief of Police* Nova Iorque, Caxton Book Concern Limited, 1887, p. 224-235.
71. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa,* Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 252. [Estrofe 127 do *Inferno*]
72. Hyamson, Albert M. *A Dictionary of English Phrases,* Londres, George Routledge & Sons, Ltd., 1922, p. 298. [**Rothschild, a:** a very wealthy man. From the proverbial wealth of the Rothschild family. – **Um Rothschild:** um homem de grande riqueza. Da riqueza proverbial da família Rothschild]
73. O sonho de Dolgoruky em *O Adolescente* (1875), é “tornar-se um Rothschild, tornar-se tão rico quanto Rotschild”. Dostoevsky, Fyodor. *A Raw Youth,* Nova Iorque, The Macmillan Company, 1950, Cap.V, p. 74.
74. “O Senhor Silberschmidt, o Rotschild do seu tempo...”, Thackeray, William Makepeace. *The History of Samuel Titmarsh and the Great Hoggarty Diamond.* Londres, J. M. Dent & Co., 1903. Cap. X p. 107-108.
75. Sousândrade, Joaquim de, *A Sumaca,* Semanário Maranhense n.47, p. 6-7, São Luís, Domingo, 19 Julho 1868.
76. Sousândrade, Joaquim de, *Vinte e oito de Julho,* in *Poesias Diversas - Impressos,* vol. I, São Luís, B. de Mattos, 1868, p. 185-186.
77. Jenner, Mrs. Henry [Katherine Lee (Rawlings)]. *Christian Symbolism.* Chicago, A.C. McClurg & Co., 1910, p. 59
78. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa,* Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 247. [Estrofes 99 e 100 do *Inferno*]
79. Trumbull, J[ames] Hammond, *The True-Blue Laws of Connecticut and New Haven and the False Blue-Laws Invented by the Rev. Samuel Peters to which are added specimens of the laws and judicial proceedings of other colonies and some blue-laws of England in the reign of James I,* Hartford, Conn., American Publishing Company. 1876.
80. Ulman, H. Charles, *Trow's Legal Directory and Laywers' Record of the United States,* New York, John F. Trow, 1875. p. 531. Registro de advogados em exercício – Condado de Nova Iorque – Nova Iorque –Norris, George, 171 Broadway.
81. Ulman, H. Charles, *Lawyers' Record and Official Register of the United States,* Nova Iorque, A. S. Barnes & Co., 1872. p. 757 - Norris & Lord, 171 Broadway. Norris, George – registro em 1868, na cidade de Nova Iorque.; Lord, Charles G., registro em 1870 na cidade de Nova Iorque.



82. Nos documentos aprovando um aumento de pensão do exército por invalidez o nome aparece como James HV Voldo, *alias* James H. Venier (relatório da Câmara de Deputados do Congresso dos Estados Unidos, House Report n° 3310, 9 jan. 1905, 1 p.
83. *List of Spiritualist Lecturers*. The Banner of Light (Boston), July 15, 1876 . Site: <http://www.spirithistory.com/76light.html>. Acesso em 26/03/2002.
84. Voldo, Venier, *Song of America and Minor Lyrics*, New York, Hanscom and Co., 1876.
85. *Venier Voldo – Lectures at Tremont Temple on Wild Visions of na Æsthetic Utopia*. Boston Daily Globe. Boston, 8 março 1882, p. 2.
86. *Local Lines*. Boston Daily Globe. Boston, 4 março 1882. p. 4.
87. *The Blood-Evans Case – More Evidence in the Alleged Swindling Affair*. Boston Daily Advertiser. Boston, 28 janeiro 1885, n° 24, p. 8 c. A.
88. *City and Suburban News; New-York. Brooklyn...* New York Times, Nova Iorque, 20 janeiro 1888, p. 8.
89. *City and Suburban News; New-York. Brooklyn...* New York Times, Nova Iorque, 3 julho 1889, p. 3.
90. *The Co-operative Packing Company in a Justice Court*. Chicago Daily Tribune. Chicago, 29 janeiro 1887, p. 7.
91. LeWarne, Charles Pierce, *Utopias on Puget Sound, 1885-1915*. Seattle, University of Washington Press, 1995, p. 20, 38.
92. Voldo, Venier, *Poems from the Pacific. The West's reply to England's Laureate*, (2. ed). San Francisco, The Bancroft Company, 1888.
93. "Venier Voldo's Letter." *Looking Forward*, v. 1, n. 2, National City e San Diego, California, 24 de setembro de 1889, p. 3.
94. Voldo, Venier, *Our Republican Monarchy, An arraignment of the politico-capitalistic machinery which has corrupted our free institutions and prostituted the republic to the aristocratic forms and industrial slaveries of monarchial Europe*. St. Louis, Sanderson, 1890.
95. Voldo, Venier. *Beauty culture: a new and improved classification of ancient and modern toilet arts and hygienic methods looking to the cultivation, attainment and preservation of beauty in woman*. Filadélfia, Lee Publishing Co., 1899
96. "Prof. Venier Voldo, Lecturer and Teacher, New Thought. Divine Truth, Mental Science. Permanent address, Unity Tract Society, 1315 McGee Street, Kansas City, Mo.", *Unity*, Kansas City, Unity Tract Society v. 22 p. 2.
97. Medbery, James K., *Men and Mysteries of Wall Street*, Boston, Fields, Osgood & Co., 1870, p. 39.
98. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886. p. 255. [Estrofe 144 do *Inferno*]
99. Sousândrade, Joaquim de, *Guesa Errante*, Nova Iorque, s. ed., 1876 – Memorabilia, p. 3.